

**CONFIGURAÇÕES DIGITAIS DA CONTRAHEGEMONIA ESPÍRITA: UMA
CARTOGRAFIA DOS COLETIVOS PROGRESSISTAS E DE ESQUERDA NO
ESPIRITISMO BRASILEIRO**

**Luiz Signates¹
João Damásio²**

RESUMO

Este artigo analisa o surgimento do campo do espiritismo progressista e de esquerda no Brasil, motivado, sobretudo, pelo reconhecimento da hegemonia conservadora no contexto identitário dessa religião, diante da recente intensificação da polarização política no país. Levando em consideração os modos de organização desses grupos contra-hegemônicos, este texto discute as trilhas das aspirações progressistas no espiritismo e apresenta uma cartografia sobre 24 coletivos mapeados durante o ano de 2020. Nesse sentido, este artigo desenvolve uma classificação de coletivos, compreendidos ou atravessados pelo espiritismo progressista, que são baseados em instituições espíritas históricas, em grupos de estudos, em mobilização social, em mídias digitais, em comunicação e em articulação de outros coletivos.

PALAVRAS-CHAVE: religião e política, espiritismo progressista, coletivos, cartografia, grupos religiosos em mídias digitais.

**DIGITAL CONFIGURATIONS OF SPIRITIST CONTRAHEGEMONY: A
CARTOGRAPHY OF PROGRESSIST AND LEFT COLLECTIVES IN
BRAZILIAN SPIRITISM**

ABSTRACT

This article analyzes the emergence of the field of progressive and left-wing spiritualism in Brazil, motivated mainly by the recognition of conservative hegemony in the identity context of that religion, given the recent intensification of political polarization in the country. Taking into account the ways of organizing these counter-hegemonic groups, this text discusses the paths of progressists aspirations in spiritism and presents a cartography of 24 collectives mapped during the year 2020. So, this article develops a classification of collectives, understood or crossed by progressist spiritism, which are based on historical spiritist institutions, study groups, social mobilization, digital media, communication and articulation of other collectives.

KEYWORDS: religion and politics, progressist spiritism, collectives, cartography, religious groups in digital media.

INTRODUÇÃO

Com os movimentos de laicização do Estado e a destinação das religiões ao estrito âmbito das escolhas privadas, a modernidade tornou polêmica, conflitiva e dúbia

¹ Professor Associado III do PPG Comunicação da UFG. Professor Efetivo do PPG Ciências da Religião da PUC-Goiás. Doutor em Ciências da Comunicação pela USP. Mestre em Comunicações pela UnB.

² Doutorando em Comunicação na Universidade do Vale dos Sinos (UNISINOS); Mestre em Comunicação pela Universidade Federal de Goiás (UFG)

a relação entre religião e política nas sociedades contemporâneas. Filhas de um tempo em que os monarcas eram os próprios representantes de Deus na Terra e a hereditariedade, o selo da escolha divina dos governantes, as instituições religiosas atuais convivem o tempo todo com as contradições próprias de sua condição de fortes formadoras e controladoras de identidades sociais e a nem sempre cuidadosa ausência nas disputas por poder e interesses que essas identidades podem representar.

Essa temática se torna ainda mais complexa quando os sentidos da política invadem os cotidianos e estruturam as opiniões e relações, no mundo privado, não raro movimentados por complexos processos que abrangem desde as necessidades sociais básicas por alimento, moradia, saúde e educação, até as posições a respeito de temáticas de alto impacto social e político, tais como os direitos sociais e difusos e as escolhas coletivas relacionadas ao papel do Estado e às intervenções na economia das classes sociais. Nesses casos, na condição democrática, as instituições em geral são chamadas a opinar e as religiões, assim coagidas, vivenciam conflitualidades simbólicas que, por vezes, conduzem a cismas e reconfigurações históricas que, conforme a profundidade e a extensão com que se disseminam, tendem a se tornar mais ou menos relevantes.

A bibliografia sobre o assunto é variada e prolífica. Desde os estudos teóricos e conceituais sobre a conflitualidade entre religião e política (BURITY, 2001; LINS, 2006; PEGORETTE, 2016), até estudos empíricos abordando denominações (MACHADO e MARIZ, 2004; GONÇALVES, 2016; SEIDL e NERIS, 2017; NERIS e SEIDL, 2017; STRÜCKER e HAHN, 2019), passando por trabalhos já publicados sobre a onda bolsonarista e seus vínculos com a religião (ORO e ALVES, 2020; LIMA e LIMA, 2020; ARRUDA, DA COSTA e MAGALHÃES, 2020), muitos trabalhos já se fazem disponíveis. Entretanto, muito poucos abordam a comunidade espírita brasileira, a terceira denominação mais importante do país, que historicamente é infensa ao debate ou à atuação política.

Este texto debruça-se sobre essa lacuna e apresenta os resultados preliminares de uma pesquisa em andamento, desenvolvida a partir do INTERESPÍRITO – Grupo de Pesquisa Interdisciplinar sobre o Espiritualismo Brasileiro e Internacional –, vinculado ao Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

A temática da pesquisa é o chamado espiritismo progressista e de esquerda política no Brasil, uma noção que remete a uma “tradição intelectual minoritária de viés socialista” entre os espíritas kardecistas (MIGUEL, 2020), ainda sem representatividade denominacional no campo religioso brasileiro, mas que tende a demarcar um cisma motivado pela inconformidade de diversos espíritas no campo kardecista conservador hegemônico. Essa vertente possui várias inspirações, como se verá ao longo deste trabalho, indo desde o ideário da Teologia da Libertação, que amplia o leque de contatos do espiritismo com o catolicismo no Brasil, até manifestações contextualizadas de crítica ao bolsonarismo e defesa de alterações em dogmática e ritualidades espíritas hegemônicas no país. Neste texto, essa noção abrange essa série de agrupamentos, a maioria ancorados nas relações viabilizadas pela internet e iniciados nos últimos anos, e que chama a atenção por efetuar uma forte ruptura com a hegemonia conservadora e apolítica do movimento espírita.

Iniciada no segundo semestre de 2020, sob a coordenação dos autores deste trabalho, trata-se de uma investigação cujo objetivo tem sido cartografar e compreender a emergência de coletivos de espíritas que se formam nos e/ou junto aos meios digitais promovendo um discurso político em divergência do conservadorismo no movimento espírita brasileiro. A compreensão desse fenômeno busca oferecer indicadores para as relações entre religião e política na atualidade, sobretudo no que se refere à formação de novos coletivos.

Os dados aqui apresentados foram obtidos tanto por meio da observação das páginas criadas por espíritas progressistas em redes sociais na internet, quanto por informações recebidas das próprias lideranças dos coletivos e instituições abordados, a partir de formulários preenchidos e entrevistas em profundidade procedidas junto às pessoas nomeadas ao longo do trabalho. Por fim, após todas essas etapas, foram localizadas 24 iniciativas, que conformaram diferentes tipos de coletivos que talvez não totalizem, mas com certeza mapeiam, com razoável grau de exaustividade, o campo do espiritismo progressista e de esquerda política no Brasil. Trata-se, pois, de uma cartografia que se pretende sensível à formação de novos agrupamentos de espíritas, sobretudo nos e/ou junto aos meios digitais, extrapolando o terreno institucionalizado e hegemônico dessa religiosidade.

ESPIRITISMO E POLÍTICA: TRILHAS DAS ASPIRAÇÕES PROGRESSISTAS

Há um *partis pris* fundamental, neste trabalho, que não pode deixar de ser declarado: a admissão de que o movimento espírita brasileiro é majoritariamente conservador, e que, portanto, a pesquisa, a partir da qual este artigo evidencia os resultados preliminares, se debruça sobre grupos minoritários e ainda de pequena relevância, em face dos sentidos hegemônicos do espiritismo brasileiro.

O conservadorismo espírita tem registros consolidados. Sua origem histórica, na França do século 19, se dá justamente no interior da burguesia europeia e tem tonalidades nitidamente liberais, apesar de alguns autores entreverem influências do socialismo utópico, inclusive por seu codificador, Allan Kardec, ter sido discípulo de Pestalozzi, o qual, como Comte, fora formado por Saint Simon.

A migração, com as adaptações culturais que se fizeram necessárias, da doutrina e da experiência espírita ao contexto brasileiro aprofundaram ainda mais essa tendência liberal, tornando-a efetivamente conservadora. Relativamente distante das preocupações com a laicização do Estado, que prevaleciam na Europa, o espiritismo brasileiro, iniciado por católicos praticantes, adquiriu o formato religioso e, diante do quadro de miserabilidade de um país desigual, que acabara de abolir a escravidão destinando os negros libertos à miséria absoluta, hipertrofiou as práticas caritativas, transformando o espiritismo num dos mais importantes movimentos religiosos de assistência social do Brasil.

É digno de registro que várias lideranças espíritas, ao longo do século 20, tinham vínculos progressistas, esquerdistas ou mesmo comunistas. Há uma literatura rara, pouco acessível e, em maioria, esgotada e não republicada, de debate social e político das ideias espíritas. Nenhuma dessas evidências, contudo, tem o condão de desfazer a ideia de que os espíritas conformam uma categoria pesadamente conservadora. Os dados estatísticos do censo brasileiro mostram, com meridiana clareza, que o movimento espírita é formado por pessoas de alta renda e elevada escolaridade (DE FARIAS et alli, 2019). Nessa conjuntura, as eleições de 2018, que estabeleceram a extrema-direita bolsonarista no poder central do Brasil, foi largamente apoiada por

espíritas. Segundo as pesquisas eleitorais, a direita antipetista obteve o voto majoritário dos espíritas, tanto no primeiro, quanto no segundo turno.

No primeiro turno das eleições de 2018, o Instituto DataFolha (ESTADÃO, 2018a) testemunhou o perfil do espírita kardecista brasileiro: 40% votaram em Jair Bolsonaro, 13% em Ciro Gomes, do PDT, 13% em Haddad, do PT, 11% em Geraldo Alkimin, do PSDB e 7% em João Amoedo, do NOVO. Em outras palavras, as candidaturas de esquerda obtiveram 26% das preferências e as de direita, 58%. Os demais candidatos receberam 7% dos votos e um total de 6% declarou branco ou nulo. De cada 3 espíritas no Brasil, dois são posicionados à direita do espectro de preferências políticas. No segundo turno, eleição polarizada entre Jair Bolsonaro (PSL) e Fernando Haddad (PT), a diferença diminuiu, mas o favoritismo da candidatura de direita prosseguiu expressiva: 48% votaram em Bolsonaro e 39% em Haddad, de acordo com o mesmo DataFolha (ESTADÃO, 2018b). (SIGNATES, 2019, p. 150)

Os efeitos da polarização política contemporânea, evidentes no Brasil, desafiam a ética de grupos sociais os mais diversos – das discussões e cisões no interior das famílias às ações e reações das estruturas de poder constituídas no Estado. No campo religioso, o espiritismo enfrenta os paradoxos colocados por sua pretensa neutralidade política e pela noção de sociedade como resultante dos impulsos morais individuais dos espíritos.

Os problemas da neutralidade conservadora e do individualismo no movimento espírita brasileiro (SIGNATES, 2019; 2020) resultam, portanto, de uma longa trajetória de embates entre os sentidos do liberalismo burguês que constituem o perfil dos adeptos do espiritismo e do socialismo utópico que inspirou as ideias de grandes autores espíritas e as práticas de ação e assistência social em diversos momentos (AUBRÉE E LAPLANTINE, 2009).

Ao elaborar “uma visualização introdutória das disposições políticas construídas ao longo da história do movimento espírita”, Miguel (2020, p. 87) destacou que, para além do referido discurso da neutralidade e de uma acomodação ao *status quo*, registra-se uma tradição associada ao ideário socialista cristão, mais pregnante no espiritismo hispânico do que no francês e no brasileiro.

Na análise de Miguel (2020, p. 97), mesmo no espectro da esquerda, as motivações da filosofia espírita apontaram para a tríade “reforma/paz/educação contra revolução/violência/política”. O autor também destaca que esse ideário conformista foi

confrontado por experiências mais engajadas no Brasil, como o Movimento Universitário Espírita (MUE), nos anos 1967-1974 – contexto que o autor estuda detidamente.

Importa aqui ressaltar que, de todo modo, na análise histórica de Miguel (2020), o espiritismo tem antecedentes europeus e latino-americanos no pensamento de esquerda, que tem sido evocados no surgimento dos coletivos aqui estudados. Miguel (2020, p. 101) chega na atualidade relatando que “uma tendência espírita à direita encontra resistência entre os autodenominados ‘espíritas progressistas’, articulados, sobretudo, em redes sociais e em grupos paralelos à organização federativa estruturada em torno da FEB”.

Essas articulações de coletivos de espíritas progressistas constituem o objeto do presente estudo, sobretudo no que se refere às suas distintas composições. Essa diversidade é reconhecida por Miguel, que a baliza com uma capacidade de convergência:

Conquanto existam diferenças no interior deste campo progressista espírita, expressando, em parte, recortes políticos e identitários presentes no cenário nacional mais amplo, podemos sublinhar sua capacidade de convergência em torno de pautas, propostas e reivindicações comuns (MIGUEL, 2020, p. 101).

O autor exemplificou essa capacidade de convergência com a publicidade de um *Manifesto de espíritas progressistas pela cassação da chapa Bolsonaro-Mourão*³. Essa percepção merece ser complexificada. É preciso considerar que o manifesto aparece como resultado não de uma articulação de coletivos, mas de ações individuais que conformam um coletivo referente à pauta da cassação do mandato presidencial. Por sua vez, trata-se de uma pauta altamente ilustrativa de uma convergência movida estritamente pela polarização política aviltadora do bolsonarismo.

Certamente que o bolsonarismo, assim como o golpe que impediu o mandato de Dilma Rousseff em 2016, constituem as motivações de boa parte das reações de espíritas progressistas, tendo repercutido em episódios internos ao espiritismo, como foi o caso de pronunciamentos do mais conhecido palestrante espírita atual, Divaldo

³ <https://www.cartacapital.com.br/blogs/dialogos-da-fe/manifesto-de-espíritas-progressistas-pela-cassacao-da-chapa-bolsonaro-mourao/>.

Franco, assumindo, com grande repercussão, termos e pautas políticas conversadoras durante o 34º Congresso Espírita de Goiás, em 2018 (SIGNATES, 2019).

O presente estudo aponta para uma complexificação desse cenário inicial da polarização entre conservadores e progressistas, à medida que as divergências afloram na constituição e nas tentativas de articulação dos coletivos de espíritas progressistas e de esquerda política no Brasil.

É relevante aqui acentuar duas grandes ordens de hipóteses em andamento sobre essa temática:

- No que concerne ao movimento espírita brasileiro, é preciso analisar o modo como o processo de institucionalização do espiritismo, marcado pela atitude conservadora discreta, lida com a emergência pública de suas disputas políticas, sobretudo com o papel central da internet na organização de comunidades religiosas fora do controle institucionalizado (SIGNATES, 2019);
- No que concerne ao espiritismo progressista e de esquerda, é preciso avaliar a capacidade de convergências em torno de pautas comuns (MIGUEL, 2020) e a mediação de divergências produtivas nas lógicas da circulação midiática (DAMASIO, 2020), entre indivíduos e coletivos.

COLETIVOS DE ESPÍRITAS PROGRESSISTAS E DE ESQUERDA NO BRASIL

Em perspectiva comunicacional, o uso da noção de coletivos nesta pesquisa respeita não apenas a autodenominação dos pesquisados, mas a percepção do vínculo social construído empiricamente. Esse termo serve de alternativa para noções como “entidades”, “associações” ou “instituições” (todas com caráter institucionalizado), outras como “massas” ou “públicos” (necessariamente abstratas) e outras como “comunidades” (necessariamente vividas). Mas contrapõem-se sobretudo às noções funcionalistas, bastante popularizadas, de “bolhas”. Enquanto as bolhas sugerem indivíduos consumidores ou produtores de conteúdos segmentados como se conformassem multidões solitárias, os coletivos compõem-se como “operadores” ou “empreendimentos enunciativos”, referindo uma espécie de vínculo social pela circulação dos sentidos (CARLÓN, 2020).

Nessa perspectiva, Couldry e Hepp (2020, p. 217) recorrem à noção de “comunitização” em Max Weber para dar conta da definição de “coletivos” em uma sociedade em midiaticização. Esses autores definem coletividade como “toda figuração de indivíduos que compartilham um determinado pertencimento significativo que, por sua vez, provê uma base de ação e orientação em comum”. E, o mais importante, destacam que “a forma desse pertencimento significativo pode variar”.

As variações abrangidas como coletivos interessam ao presente estudo à medida que queremos compreender as diferenciações entre os coletivos de espíritas progressistas e de esquerda política no Brasil. Para orientar categorias analíticas, Couldry e Hepp (2020, p. 218) consideram os matizes que vão desde “coletividades no interior de grupos” até “coletividades baseadas puramente em imaginação e dataficação”. “Em todos esses casos específicos, a característica principal das coletividades continua sendo o seu caráter *significativo* para os atores envolvidos – e as mídias desempenham um importante papel ao dar suporte à produção desse sentido” (COULDRY; HEPP, 2020, p. 218).

A oposição ao processo das chamadas “bolhas de internet” ocorre porque, a despeito das análises da degradação das coletividades em redes, “coletividades continuam sendo fenômenos construídos por meio de processos de sentido” (COULDRY; HEPP, 2020, p. 219). Os autores permitem uma amplitude de caracterizações e sugerem dois tipos básicos de coletivos segundo suas relações com as mídias: coletividades baseadas em mídias (como os grupos online) e coletividades midiaticizadas (como famílias, agrupamentos religiosos ou comunitários de quaisquer tipos, atravessados por lógicas da midiaticização e, especialmente, da internet e das mídias digitais).

As mídias podem constituir coletividades de duas maneiras. Primeiro, elas podem oferecer *por meio de seu conteúdo* um quadro de relevância para a construção de tais coletividades. Segundo, elas podem fornecer o *espaço de comunicação* no qual essas coletividades se constroem, seja qual for o verdadeiro conteúdo que atende a seus quadros de relevância específicos (COULDRY; HEPP, 2020, p. 219-220).

Nesta pesquisa, consideraremos um tipo específico de coletivos, aqueles cujo caráter significativo ou vincutivo está no espiritismo progressista e de esquerda

política no Brasil, incluindo coletivos que tem em seu cerne aquilo que Fausto Neto (apud SOSTER, 2015) chamou de “atorização” – quando um ator social ao invés de mediar um coletivo, assume esse lugar de quem produz sentido e sobre quem são produzidos sentidos. O presente estudo pretende apresentar seus resultados por meio de uma cartografia, ou seja, um mapa dos observáveis segundo nuances observadas em campo, na coleta de dados, com uma descrição menos codificada, privilegiando o empírico (FISCHER, 2008). Essa cartografia envolve mesmo a constituição de uma rede, dado que novos coletivos foram mapeados e compreendidos a partir de indicações mútuas.

Serão dois os movimentos cartográficos:

- Primeiro, uma organização prévia por tipos de coletivos e, dentro deles, uma ordem cronológica de surgimento dos mesmos;
- Segundo, uma descrição particular de cada um dos coletivos, de acordo às categorias informadas, que servirão para a análise transversal posterior.

Quadro 1 - Tipologia dos coletivos cartografados

TIPOS DE COLETIVOS	COLETIVOS MAPEADOS
Coletivos baseados em instituições históricas e atravessados pelo espiritismo progressista	Associação Espírita Internacional (Cepa)
	Centro de Pesquisa e Documentação Espírita (CPDoc)
	Centro Cultural Espírita de Porto Alegre (Ccepa)
	Associação Brasileira de Pedagogia Espírita (ABPE)
Coletivos baseados em estudos e compreendidos pelo espiritismo progressista	Coletivo de Estudos Espiritismo e Justiça Social (Cejus)
	Grupo de Estudos Hermínio C. de Miranda
	Grupo Livre Pensar II
Coletivos baseados em estudos e atravessados pelo espiritismo progressista	Associação Espírita de Pesquisas em Ciências Humanas e Sociais (Aephus)
	Espiritismo com Kardec (ECK)
Coletivos baseados em mobilização social e compreendidos pelo espiritismo progressista	Espíritas à Esquerda (EaE)
	Ágora Espírita
	Coletivo Girassóis
	Associação Brasileira Espírita de Direitos Humanos e Cultura de Paz (Abrepaz)

	Coletivo Espírita pela Transformação Social (Cets)
	Espíritas Progressistas (Belém/PA)
	Espíritas Progressistas do Espírito Santo (Epes)
Coletivos baseados em mídias digitais e compreendidos pelo espiritismo progressista	Puebla – Espiritismo para o povo
	Espíritas Progressistas (Grupo)
	Coletivo de Espíritas Antirracistas (Coesar)
Coletivos baseados em veículos de comunicação e em atorização midiática e compreendidos pelo espiritismo progressista	Jornal Crítica Espírita
	Diálogos da Fé (Carta Capital)
	Fronteiras do Pensamento Espírita
	Ana Cláudia Laurindo
Coletivo baseado em coletivos e compreendido pelo espiritismo progressista	Pelo Bem Social

Fonte: Elaborado pelos autores.

A classificação proposta no Quadro 1 preza por dois critérios empiricamente sensíveis à formação dos coletivos mapeados. Descrevemos cada coletivo como sendo baseado em uma forma de organização e de atuação e relacionado de determinado modo com o campo do espiritismo progressista. Essa tipificação se afina à proposta de Couldry e Hepp (2020) ao pensarem em coletivos a partir do modo de organização de suas atividades como sendo significativas. Aqui, descrevemos os coletivos mapeados como sendo baseados em instituições históricas, em estudos, em mobilização social, em mídias sociais, em comunicação e em outros coletivos. Complementarmente, classificamos os coletivos como sendo compreendidos⁴ ou atravessados⁵ pelo espiritismo progressista.

A) COLETIVOS BASEADOS EM INSTITUIÇÕES ESPÍRITAS HISTÓRICAS E ATRAVESSADOS PELO ESPIRITISMO PROGRESSISTA

⁴ Tratam-se dos coletivos que se autodenominam como espíritas progressistas ou de esquerda política.

⁵ Tratam-se dos coletivos que, mesmo não se autodenominando como pertencentes ao campo do espiritismo progressista e de esquerda política, são “atravessados” por seus circuitos (BRAGA, 2012), seja pelas posições sociais que adotam ou por serem referidos e vinculados por iniciativas políticas de esquerda.

Assim, coletivos baseados em instituições espíritas históricas são aqueles, notadamente institucionalizados, que participam do campo do espiritismo progressista, não raro são tomados como importantes referências para os novos agrupamentos, mas que têm uma história anterior ao presente contexto de polarização política e forte representação no campo contra-hegemônico do espiritismo brasileiro. Estas instituições históricas apresentam características de abertura comunicacional, integrando as pautas sociais e políticas. São os casos da Associação Espírita Internacional (Cepa), do Centro de Pesquisa e Documentação Espírita (CPDoc), do Centro Cultural Espírita de Porto Alegre (CCepa) e da Associação Brasileira de Pedagogia Espírita (ABPE).

ASSOCIAÇÃO ESPÍRITA INTERNACIONAL (CEPA)

A Associação Espírita Internacional (Cepa), antiga Confederação Espírita Pan-Americana, foi fundada em 1946, na Argentina, e é a instituição atuante no Brasil mais antiga mapeada por este estudo. Nesta cartografia, a Cepa ocupa uma posição de referência para boa parte dos novos coletivos de espíritas progressistas no país, por se afirmar progressista e estimular a atualização permanente do espiritismo, conforme consta em seus objetivos estatutários (CEPA, 2016, Artigo 2º). De abrangência internacional, com atuação predominante nos continentes americanos e europeu, a Cepa tem sede móvel, a partir da residência da presidência eleita. No presente momento, a sede é situada em São Paulo (SP), no Brasil, onde reside sua atual presidente, Jacira Jacinto da Silva⁶. Suas principais atividades são: a realização de congressos internacionais e eventos regionais, e a publicações de livros, artigos, boletins e revistas. A circulação das ideias da Cepa tem forte presença nos meios digitais, mas é sobretudo formatada pelo modelo de jornais e revistas, como o *Abertura*⁷ e o *Opinião*⁸, além de seu próprio site, revista, newsletter e lista de debates via e-mail e WhatsApp.

CENTRO CULTURAL ESPÍRITA DE PORTO ALEGRE (CCEPA)

⁶ Espírita de berço, Jacira é juíza de direito e atua no movimento espírita cepeano desde a década de 1980.

⁷ Periódico impresso por assinatura publicado pelo Instituto Cultural Kardecista de Santos (ICKS), conhecido popularmente como o “grupo de Santos”, fundado pelo jornalista e psicólogo Jaci Régis (1932-2010).

⁸ Periódico digital e impresso por assinatura publicado pelo Centro Cultural Espírita de Porto Alegre (Ccepa), editado pelo jornalista Milton Medran. Acesso: <http://ccepa-opinioao.blogspot.com/>

Herdeiro do Centro Espírita Luz e Caridade (Celc), que surgiu em 1936, o Centro Cultural Espírita de Porto Alegre (Ccepa) recebeu esse nome em 1991. Sua trajetória, “da religião espírita ao laicismo”, pode ser encontrada com ricos detalhes em Benchaya (2006). Sediada em Porto Alegre, trata-se de uma instituição com importante influência no movimento espírita brasileiro, sobretudo os chamados “livre-pensadores” e “espíritas laicos”⁹. É importante aqui ressaltar seu alinhamento aos objetivos da Cepa, já presidida e frequentemente composta em sua diretoria por importantes lideranças do Ccepa, como Salomão Benchaya¹⁰ e Milton Medran¹¹. Segundo a diretoria do Centro Cultural, atualmente há em média 50 associados. Ele funciona presencialmente por meio de reuniões de estudo, palestras, seminários, sessões mediúnicas e reuniões de confraternização. Assim com a Cepa, o Ccepa assume-se como uma instituição espírita cuja prioridade é o debate laico ao redor de Allan Kardec, integrando pessoas com posições políticas variadas, mas privilegiando a abertura para pautas sociais, integrando o quadro do espiritismo progressista no Brasil. Exemplo de suas abordagens progressistas encontram-se, sobretudo, em seu jornal Ccepa Opinião, conforme já analisado em Damasio (2020). Além da circulação da versão digital de seu jornal, os diretores relataram atividades de videoconferência, página no Facebook¹² e grupos online.

CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO ESPÍRITA (CPDOC)

Fruto da iniciativa de jovens oriundos de mocidades espíritas na cidade de Santos (SP), o Centro de Pesquisa e Documentação Espírita (CPDoc) surgiu em 1988, com as finalidades de produção e intercâmbio intelectual (CPDoc, 2020, Artigo 3º). Este grupo, que também integra o campo semântico, político e identitário da Cepa, mantém principalmente as principais atividades a produção intelectual de artigos, livros e eventos na internet, além do acúmulo de acervos históricos do espiritismo laico e

⁹ Livre-pensadores e espíritas laicos são termos bastante utilizados por pessoas vinculadas à Cepa em referência ao projeto de constante atualização do espiritismo, apartando sua prática como religião.

¹⁰ Autor de um livro histórico sobre a história do Ccepa (Benchaya, 2006), Salomão iniciou sua atuação em Porto Alegre em 1974, quando se mudou do Pará para o Rio Grande do Sul. Atualmente, escreve e atua no Conselho Editorial do jornal Ccepa Opinião e participa da direção da instituição.

¹¹ Milton Medran Moreira é jornalista, advogado e editor chefe do jornal Ccepa Opinião, atuando na instituição desde 1982 (Benchaya, 2006, p. 22).

¹² <https://www.facebook.com/Centro.cultural.espirita.portoalegre/>

progressista. Assim como na Cepa e no Ccepa, no CPDoc há variações de posições políticas entre seus membros, reunidos ao redor do estudo e da produção intelectual a respeito do espiritismo em perspectiva laica e livre-pensadora. Mesmo assim é constante a presença de alguns de seus participantes, como o ex-ministro Ademar Arthur Chioro dos Reis¹³, hoje seu mais prestigiado membro, em atividades do campo do espiritismo progressista.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PEDAGOGIA ESPÍRITA (ABPE)

A Associação Brasileira de Pedagogia Espírita (ABPE) foi fundada em 2004 com finalidades de pesquisa, divulgação e aplicação da pedagogia espírita. Definida como inter-religiosa, emancipadora e crítica, segue os fundamentos filosóficos de Kardec, mas também se inspira em educadores e pensadores brasileiros que trabalharam por ela, como Eurípedes Barsanulfo, Anália Franco, Herculano Pires e outros. Para tais objetivos, a entidade liderada por Dora Incontri¹⁴ vincula-se diretamente com duas outras instituições, a Editora Comenius e a Universidade Livre Pampédia, onde se ministra, desde 2005, um conhecido curso de especialização em Pedagogia Espírita. A universidade também gere uma plataforma de cursos de educação à distância. Além de seus objetivos originais, Dora Incontri e a ABPE constituíram-se em importantes referências para mobilizações de espíritas progressistas e à esquerda política no Brasil. Isso se deu, sobretudo, por sua liderança na criação e divulgação de textos e abaixo-assinados em reação a temas políticos inscritos em polêmicas no interior do movimento espírita brasileiro (Signates, 2019)¹⁵.

B) COLETIVOS BASEADOS EM ESTUDOS E COMPREENDIDOS PELO ESPIRITISMO PROGRESSISTA

¹³ O prof. Dr. Ademar Arthur Chioro dos Reis é médico, ex-Ministro da Saúde do Brasil (2014-2015), filiado ao Partido dos Trabalhadores (PT) e associado fundador do CPDoc, tendo obras publicadas pela instituição.

¹⁴ A profa. Dra. Dora Incontri é jornalista e educadora, coordena a ABPE, a Editora Comenius e a Universidade Livre Pampédia. Tem uma dezena de livros publicados sobre educação e espiritismo.

¹⁵ Em especial, em fevereiro de 2018, uma reação a posições polêmicas, conservadoras e teoricamente desinformadas de Divaldo Pereira Franco, mais conhecido médium e palestrante espírita da atualidade.

Caracterizamos como coletivos baseados em estudos uma diversidade de agrupamentos que se dedicam sobretudo ao estudo filosófico de obras, documentos e pautas espíritas. Consideram-se os coletivos compreendidos pelo campo do espiritismo progressista, como é o caso do Coletivo de Estudos Espiritismo e Justiça Social (Cejus), o Grupo de Estudos Hermínio C. de Miranda e o Grupo Livre Pensar II, descritos a seguir.

COLETIVO DE ESTUDOS ESPIRITISMO E JUSTIÇA SOCIAL (CEJUS)

O Coletivo de Estudos Espiritismo e Justiça Social (Cejus) surgiu em 2018, “pela necessidade sentida de se contrapor ao crescimento do fascismo bolsonarista nas casas espíritas”. O nome “justiça social” efetua uma contraposição ao assistencialismo reconhecido em muitas atividades sociais espíritas. Trata-se de um coletivo voltado para estudos constantes acerca do espiritismo e suas relações com políticas sociais. O grupo é informal, tem uma coordenação colegiada com três pessoas¹⁶ e mantém discussões sistemáticas sobre capítulos de obras previamente escolhidas em seu canal no YouTube¹⁷. Além disso, apresentam, duas vezes por semana, o programa “Caminhos do Espiritismo” no canal Paz e Bem¹⁸, já com mais de 100 edições.

GRUPO DE ESTUDOS HERMÍNIO C. DE MIRANDA

Criado em 2017, em Fortaleza (CE), o Grupo de Estudos Hermínio C. de Miranda surgiu com os objetivos de divulgação e estudos do espiritismo, da obra de Hermínio C. de Miranda e de artistas espíritas, focando no “progresso da humanidade”. Segundo seu coordenador geral, Eduardo Lima¹⁹, o grupo se identificou com essa vertente por conta do cenário político brasileiro. Além de reuniões de estudos três vezes por semana, promove um evento anual, a Semana Espírita Hermínio C. de Miranda, e

¹⁶ Carlos Orpham, filiado ao Partido dos Trabalhadores (PT), é o fundador do coletivo, enquanto Carla Pavão e Filipe Albani coordenam boa parte das atividades, voltadas à comunicação e à diversidade.

¹⁷ <https://www.youtube.com/c/CanalCejus>

¹⁸ https://www.youtube.com/watch?v=0i7bv90Skic&list=PL60UuXuf5PIFFBI_YBCiDobBYGmbNiBz

¹⁹ O prof. Dr. Eduardo Lima é filósofo, palestrante e fundador do Grupo Hermínio. Também ajudou a fundar e tem marcante atuação no Instituto de Pesquisa e Ciência Espírita (IPCE).

mantém um canal no YouTube²⁰, com documentários, entrevistas, *lives* e as playlists “Espiritismo no Mundo” e “1 Minuto para Saber”.

GRUPO LIVRE PENSAR II

O Grupo Livre Pensar II foi criado em março de 2019, em Curitiba (PR), por um grupo de amigos que conviveram em uma mocidade espírita na década de 1990, cujo nome era “Livre Pensar” (de onde se inspirou o nome atual acrescido de “II”). Nas duas ocasiões, havia o anseio de abordar temas tabus sobre espiritismo e sociedade e, por isso, o nome seria significativo. Em geral, as atividades que o grupo desenvolve são de estudos quinzenais abordando temas possivelmente controversos no movimento espírita.

C) COLETIVOS BASEADOS EM ESTUDOS E ATRAVESSADOS PELO ESPIRITISMO PROGRESSISTA

Também caracterizados como coletivos baseados em estudos foram aqueles que, não se autodenominando em função do progressismo, são constantemente atravessados por esse campo de produção de sentidos em suas atividades focadas na produção e circulação de estudos científicos do espiritismo. São os casos da Associação Espírita de Pesquisas em Ciências Humanas e Sociais (Aephus) e do grupo de Facebook Espiritismo com Kardec (ECK). Estes grupos buscam diálogo com as posições conservadoras no movimento espírita brasileiro, revelando um traço importante da moralidade espírita na comunicação política: a tentativa de evitar conflitos públicos. Esses coletivos estão descritos a seguir.

ASSOCIAÇÃO ESPÍRITA DE PESQUISAS EM CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS (AEPHUS)

Formalmente instituída como uma organização com finalidades de educação e ciência, a Associação Espírita de Pesquisas em Ciências Humanas e Sociais (Aephus) foi fundada em 2017, em Goiânia (GO), “voltada para o estudo dos fenômenos sociais a partir do diálogo entre espiritismo e estudos sociais contemporâneos”, de onde vêm suas

²⁰ <https://www.youtube.com/c/GrupodeEstudosHerm%C3%ADnioCdeMiranda>

relações com o chamado espiritismo progressista. Suas principais atividades são “promoção de eventos, criação de vídeos e publicações de cunho filosófico e científico”. Já é tradicional na instituição a realização anual do Fórum de Pesquisa Filosófica e Social sobre o Espiritismo, vinculado a entidades acadêmicas, e sua publicação resultante em volumes anuais da coletânea “Ciência, espiritismo e sociedade”. Assim como os grupos relatados anteriormente, a Aephus mantém em sua proposta a pluralidade de posicionamentos políticos, com o diferencial de que é o único coletivo compreendido nesta pesquisa que se mantém associado ao movimento federativo, hegemônico, por meio de sua associação legal à Federação Espírita do Estado de Goiás (Feego).

ESPIRITISMO COM KARDEC (ECK)

O Espiritismo com Kardec (ECK) é um grupo online no Facebook, criado por Marcelo Henrique²¹, em 2017, com o objetivo de ser “um espaço de livres-pensadores para, com elegância, respeito e diálogo, construir e apresentar aos espíritas brasileiros, uma opção de caminho para retomar o objetivo maior do Espiritismo - a Evolução Individual e Social”²². O grupo é fechado, mas tem mais de 11 mil membros de todo o país. É mantido em intensa atividade online e, mais recentemente, realizou encontros presenciais no formato de um Fórum do Livre Pensar Espírita. Apesar de não ser um grupo identificado com o espectro da esquerda, trata-se de um espaço que, por suas características, é atravessado pelo campo do espiritismo progressista.

D) COLETIVOS BASEADOS EM MOBILIZAÇÃO SOCIAL E COMPREENDIDOS PELO ESPIRITISMO PROGRESSISTA

Os coletivos baseados em mobilização social são aqueles que declaram, desde seus nomes, uma gama de pautas e projetos políticos que se contrapõem ao conservadorismo no espiritismo. É o caso do Espíritas à Esquerda (EaE), do Ágora

²¹ O prof. Dr. Marcelo Henrique é reconhecido membro da Associação Brasileira de Divulgadores do Espiritismo (Abrade) e integra várias entidades espíritas, como a Cepa e o CPDoc. Ele também atua como moderador do grupo online Espíritas Progressistas, que será descrito mais adiante.

²² <https://www.facebook.com/groups/Espiritismo.COM.Kardec>

Espírita, do Coletivo Girassóis, da Associação Brasileira de Direitos Humanos e Cultura da Paz (AbrePaz), do Coletivo Espírita pela Transformação Social (Cets), do Espíritas Progressistas (Belém/PA) e do Espíritas Progressistas do Espírito Santo (Epes). Todos esses também se caracterizam por terem uma base territorial local em uma ou mais cidades, expandindo seu alcance nacional por meio de práticas midiáticas, como a manutenção de canais de comunicação digital e a realização de *lives* e eventos online.

ESPÍRITAS À ESQUERDA (EAE)

O coletivo de Espíritas à Esquerda surgiu em março de 2016, em Salvador (BA), durante o processo de impeachment de Dilma Rousseff. Esta foi, certamente, a primeira conformação de um coletivo de espíritas criado em função das pautas políticas polarizadas no Brasil. O coletivo ganhou força e representatividade sobretudo após a realização do I Encontro Nacional Espíritas à Esquerda, em 26 de outubro de 2019, com a presença de importantes personalidades espíritas e políticas de esquerda no Brasil. Assim, tornou-se um grupo nacional com aproximadamente 15 agrupamentos estaduais internos, reuniões virtuais frequentes e um projeto político de criação de novos espaços espíritas com identidade política à esquerda. Essas reuniões locais são acompanhadas sempre por Sérgio Maurício²³. O grupo é fortemente influenciado pelo ideário e pelas práticas das Comunidades Eclesiais de Base e pela Teologia da Libertação, além da copresença de grupos e pessoas. É bastante relevante observar a capacidade de integração de indivíduos e grupos locais ao coletivo de Espíritas à Esquerda. É o caso do Espíritas Progressistas do Espírito Santo (EPES), que se dissolveu e alguns de seus membros passaram a se agrupar como Espíritas à Esquerda.

ÁGORA ESPÍRITA

Iniciado em 23 de outubro de 2017, em Recife (PE), o coletivo Ágora Espírita foi criado como reação à presença da extrema direita no espiritismo. O coletivo entende-se como “um grupo de espíritas que discutem políticas sociais”²⁴. Apesar de não ser um

²³ Sérgio Maurício é analista de infraestrutura do governo federal e coordena o coletivo nacional Espíritas à Esquerda. Escreve sobre este tema nas mídias digitais do coletivo e no blog Diálogos da Fé (Carta Capital), em espaço cedido por Franklin Félix.

²⁴ Em sua fundação, o Ágora Espírita reuniu suas principais causas em um Manifesto: <https://grupoagoraespirita.blogspot.com/2018/11/manifesto-grupo-agora-espirita.html>

grupo institucionalizado, o Ágora Espírita organiza-se ao redor de cinco eixos a partir de uma coordenação geral, exercida por Alexandre Junior²⁵: Espiritismo, Família, Gênero e Sexualidades; Espiritismo, Políticas e Promoção Social; Espiritismo Globalização, Consumismo, meio ambiente e sustentabilidade; Espiritismo, Racismos e Intolerância Religiosa; Espiritismo, Saúde mental e Direitos humanos.

COLETIVO GIRASSÓIS

O coletivo Girassóis surgiu em setembro de 2018, em Fortaleza (CE), motivado também pelo contexto de polarização na política brasileira, especificamente durante o segundo turno das eleições presidenciais. O coletivo é constituído a nível estadual, mas também tem projeção nacional pelos meios digitais. Suas principais atividades são grupos de estudos, momentos de vibração e palestras, além de diversos eventos e fóruns do pensamento social espírita. Criado por iniciativa de Lídia Valesca Pimentel²⁶ e amigos vinculados ao Grupo Espírita Casa da Sopa, o coletivo tem um comitê gestor constituído informalmente. A maior parte dos participantes desse coletivo dialoga diariamente por meio de seu grupo no WhatsApp.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA ESPÍRITA DE DIREITOS HUMANOS E CULTURA DE PAZ (ABREPAZ)

Criada em Goiânia (GO) e inicialmente bastante próxima da Aephus, a Associação Brasileira Espírita de Direitos Humanos e Cultura de Paz (Abrepaz) foi fundada formalmente no dia 10 de dezembro de 2018, Dia dos Direitos Humanos. A entidade foi pensada diretamente como resposta espírita progressista à campanha eleitoral de 2018, com o processo que levou Jair Bolsonaro à presidência. Atualmente é presidida por Fábio dos Santos²⁷. Suas principais atividades, são de estudo e conversação, compreendidos nos projetos “Diálogos Abrepaz”, “Abrepaz Entrevista”, “Live Abrepaz” e “Quinta com Arte”²⁸. Trata-se de um grupo que frequentemente

²⁵ O prof. Ms. Alexandre Junior é pedagogo e fundou o coletivo Ágora Espírita, baseado em Recife (PE).

²⁶ A profa. Dra. Lídia Valesca Pimentel é socióloga e uma das fundadora do coletivo Girassóis.

²⁷ Fábio André Evaristo dos Santos é gestor público de TI do governo de Goiás e preside a AbrePaz desde sua fundação em 2018. Também é conhecido por sua atuação na Associação Brasileira de Esperantistas.

²⁸ A Abrepaz forneceu um relatório de atividades de seu primeiro ano de atuação, que pode ser acessado em: <https://www.abrepaz.org/post/nota-publica-006-2019-abrepaz-primeiro-ano>.

participa e produz posicionamentos políticos em nível nacional, incluindo integrantes de várias partes do país.

COLETIVO ESPÍRITA PELA TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

O Coletivo Espírita pela Transformação Social foi criado em 2019, em São Paulo (SP), e manteve eventos presenciais e online durante um ano, tendo mantido, por fim, suas páginas no Facebook e no Instagram²⁹ para circulação de conteúdos progressistas e participações eventuais nos debates à esquerda do espiritismo.

ESPÍRITAS PROGRESSISTAS (BELÉM/PA)

Em junho de 2019, surgiu em Belém (PA) o grupo denominado Espíritas Progressistas. Inspirado nas iniciativas percebidas em outras localidades, o coletivo se constituiu com foco na necessidade de atuação local, mas também de articulação com outros coletivos no país, como o Cejus, a AbrePaz e o Espíritas à Esquerda. Seus membros participam de diversas casas espíritas e atuam neste coletivo participando ou promovendo debates na internet, a exemplo de sua página no Facebook³⁰, onde constam registros de seu coordenador, Patrick Paraense³¹, e realizando reuniões de trabalho de base na região metropolitana da capital paraense, sobretudo na periferia, conforme relatado.

ESPÍRITAS PROGRESSISTAS DO ESPÍRITO SANTO (EPES)

O coletivo Espíritas Progressistas do Espíritos Santo (Epes), sediado em Vitória (ES), teve seu manifesto de fundação no dia 01 de março de 2020. Assim como os demais coletivos surgidos nos dois últimos anos, o Epes surge da “perplexidade diante do crescente conservadorismo reacionário que vem se instalando no Movimento Espírita Brasileiro (MEB) e no atual cenário político e social do Brasil”³². Atuante na Grande Vitória, o Epes promoveu diversas reuniões, publicou nota de repúdio ao

²⁹ <https://www.facebook.com/cetransformacaoosocial> /

<https://www.instagram.com/cetransformacaoosocial/>.

³⁰ <https://www.facebook.com/EspiritasProgressistas/>.

³¹ Espírita há 8 anos, Patrick Paraense é publicitário, militante do Partido dos Trabalhadores (PT) desde a década de 1990 e fundou o coletivo Espíritas Progressistas em Belém (PA).

³² <https://sites.google.com/view/espíritasprogressistas/>.

governo brasileiro e estava apoiando a realização do II Encontro Nacional Espíritas à Esquerda, no Rio de Janeiro, impossibilitado pelo período de isolamento social de 2020. Entre acordos e desacordos com relação ao espectro político compreendido nos termos progressistas ou de esquerda, o grupo está atualmente dissolvido e boa parte de seus membros se manteve vinculado ao Espíritas à Esquerda. Também é notável a aproximação local com o jornal Crítica Espírita, do mesmo município.

E) COLETIVOS BASEADOS EM MÍDIAS DIGITAIS E COMPREENDIDOS PELO ESPIRITISMO PROGRESSISTA

Foram compreendidos como coletivos baseados em mídias digitais os agrupamentos de espíritas progressistas ao redor de grupos online, cuja especificidade é a disseminação de conteúdos midiáticos a partir de regras internas à comunidade como forma de reunir pessoas independentemente da localidade e de outros vínculos. É comum que membros de vários outros coletivos participem desses grupos online, a exemplo dos aqui mapeados: Espiritismo para o povo (criado como grupo do projeto Puebla), Espíritas Progressistas³³ e Coletivo de Espíritas Antirracistas (Coesar). Eles são descritos a seguir:

PUEBLA – ESPIRITISMO PARA O POVO

O Puebla é um projeto capitaneado por Elton Rodrigues desde maio de 2019³⁴, no Rio de Janeiro (RJ) e constitui-se como coletivo pela articulação com outros atores e grupos e, mais recentemente, já no final de 2020, pela criação de um grupo no Facebook³⁵. A proposta diferencia-se dos demais coletivos não apenas no formato, mas também em seus objetivos: aproximar o espiritismo e a teologia da libertação, aproximar cristãos e espiritualistas de esquerda entre si e atuar junto aos partidos políticos. A aproximação com a teologia da libertação é comum a outros coletivos, como o Espíritas à Esquerda. Já a ponte com outras religiosidades e com partidos

³³ Apesar de ter o mesmo nome, não é o mesmo coletivo “Espírita Progressistas” já mencionado com sede em Belém. Este é um coletivo exclusivamente baseado no grupo online.

³⁴ Antes disso, Elton esteve vinculado à criação de outro coletivo espírita progressista, que já está inativo, o Coletivo Espírita Anísio Spínola Teixeira, voltado para a área educacional.

³⁵ <https://www.facebook.com/groups/827336028100159>.

políticos à esquerda parecem ser mais específicos do Puebla, pelo menos de modo declarado.

ESPÍRITAS PROGRESSISTAS (GRUPO ONLINE)

Outro coletivo denominado Espíritas Progressistas também surgiu em 2019, mas tem sua existência baseada no grupo de Facebook de mesmo nome³⁶. O grupo é privado, aberto a participantes os mais diversos desde que adequados às regras da comunidade virtual, organizada por um pequeno grupo de moderadores. O propósito declarado é o de acolher o pensamento político-social progressista e abrir debate sobre assuntos considerados “proibidos” pelos espíritas tradicionais. Pela própria natureza digital desse coletivo, não há atividades ou projetos que não a própria “interação virtual entre pessoas de diferentes localidades”. Ainda assim, conforma-se um coletivo do qual participam, inclusive, membros de diversos outros coletivos aqui relatados.

COLETIVO DE ESPÍRITAS ANTIRRACISTAS (COESAR)

Criado já no final do ano de 2020, o Coletivo de Espíritas Antirracistas (Coesar) surgiu como reação a manifestações contraditórias de espíritas brancos sobre racismo no espiritismo, mesmo em grupos progressistas. Trata-se de um grupo online bastante recente e aberto a novos integrantes, que se articulam sobretudo pela internet. Segundo sua liderança, Antonio Iuperio³⁷, “o espiritismo nunca se manifestou antirracista” e esta é a razão de existência do coletivo, que tem publicado notas de repúdio e participado de *lives*, apoiadas por coletivos como o Espíritas à Esquerda e o blog Diálogos da Fé.

F) COLETIVOS BASEADOS EM VEÍCULOS DE COMUNICAÇÃO E EM ATORIZAÇÃO MIDIÁTICA E COMPREENDIDOS PELO ESPIRITISMO PROGRESSISTA

Estes são os coletivos baseados em comunicação, com iniciativas que não são organizadas como associações, mas que se agrupam a partir de veículos de

³⁶ <https://www.facebook.com/groups/espíritasprogressistas>.

³⁷ Antonio Iuperio Pereira Junior é arquiteto e fundou o Coesar a partir de manifestações racistas em uma live da qual participou.

comunicação, como o Jornal Crítica Espírita e os blogs Diálogos da Fé (Carta Capital) e Fronteiras do Pensamento Espírita. Também podemos nos referir a um coletivo baseado em atorização³⁸ midiática em casos como o da livre-pensadora Ana Cláudia Laurindo.

JORNAL CRÍTICA ESPÍRITA – COLETIVO CRÍTICA ESPÍRITA

Apesar de não ser da mesma natureza que os demais coletivos, a atuação do Jornal Crítica Espírita conforma ou tende a conformar um coletivo ao redor de suas ideias e atuação. Fundado por Felipe Sellin³⁹ e Raphael Faé⁴⁰, o jornal, fundado em 2015 e mantendo edições mensais⁴¹, “tem o propósito de debater temas atuais, num diálogo entre espiritismo e sociedade”. Proposto inicialmente no âmbito da Associação Jurídico-Espírita do Espírito Santo (Aje-ES), logo se autonomizou. Publicam nele autores convidados ou que se dispõem em contato com seus editores, constituindo-se um *locus* importante para a elaboração das ideias que relacionam espiritismo e pautas sociais.

DIÁLOGOS DA FÉ (CARTA CAPITAL)

O blog Diálogos da Fé, no portal da revista Carta Capital, discute “assuntos do momento sob a ótica de diferentes crenças e religiões”⁴². Nesse espaço, Franklin Félix⁴³ se dedica a publicações que incluem pautas e manifestos de espíritas no campo social. Em especial, são constantes publicações assinadas por Sérgio Maurício, do coletivo Espíritas à Esquerda. Como meio de comunicação, o blog articula várias frentes e movimentos sociais. Pode-se destacar que este é um dos espaços em que se discute mais frequentemente as pautas LGBTQIA+ no espiritismo e, sob o nome de direitos humanos, apresenta tendências também à formação de coletivos, tanto pela reunião de

³⁸ O conceito de atorização refere a processualidade em que atores sociais, ao invés de mediar um discurso institucional ou coletivo, se torna a referência de um discurso coletivo (SOSTER, 2015). Essa noção poderia referir inúmeras lideranças mencionadas no artigo. A referência à Ana Cláudia Laurindo justifica-se sobretudo por sua afirmação como livre-pensadora configurar também a negativa do vínculo com outros coletivos.

³⁹ O prof. Ms. Felipe Sellin é sociólogo, espírita há mais de 30 anos, atuou no movimento estudantil e é editor do Jornal Crítica Espírita.

⁴⁰ Raphael Faé é advogado, policial rodoviário federal e mestre em filosofia. Editor do Jornal Crítica Espírita.

⁴¹ Salvo períodos de pausa para readequações no formato das publicações, relatados em entrevista.

⁴² <https://www.cartacapital.com.br/blogs/dialogos-da-fe/>.

⁴³ Franklin Félix é psicólogo, educador, militante pelos direitos humanos e se relaciona com diversas iniciativas de espíritas progressistas e de esquerda no Brasil por meio de sua coluna na Carta Capital.

indivíduos como público que se manifesta, quanto pela formação de grupos a partir dos diálogos assim propiciados.

FRONTEIRAS DO PENSAMENTO ESPÍRITA

O projeto Fronteiras do Pensamento Espírita surgiu em 2016 como um blog⁴⁴, cujo objetivo é “promover o diálogo a respeito de temas que representam limites, fronteiras para além das quais tem sido difícil encontrar espaços para o livre exame no ambiente espírita, de modo a nortear nossa ação junto à sociedade”. Escrito por Elias Moraes⁴⁵, o blog também ganhou uma página no Facebook⁴⁶ e um canal no YouTube⁴⁷.

ANA CLÁUDIA LAURINDO

Identificando-se como livre-pensadora⁴⁸, a palestrante espírita Ana Cláudia Laurindo⁴⁹ atua se pronunciando e escrevendo em blogs, *lives* e coletivos espíritas progressistas. Mas, divergindo ou caminhando em paralelo a esse modo de organização, mobiliza um coletivo a partir do que pudemos entender como atorização. Destaca-se aqui este nome a exemplo de outros que, integrados ou liderando coletivos, assumem um papel de referência individual. Essa condição não prescinde de meios e instituições. No caso de Laurindo, essa condição se vincula a seu blog no jornal Repórter Nordeste.

G) COLETIVO BASEADO EM COLETIVOS E COMPREENDIDOS PELO ESPIRITISMO PROGRESSISTA

⁴⁴ <https://espiritismo-fronteiras.blogspot.com/>.

⁴⁵ O prof. Ms. Elias Inácio Moraes é um dos fundadores de uma importante casa espírita em Goiânia, a Fraternidade Espírita, bem como da Aephus. Ele também se dedica ativamente, há anos, à Federação Espírita do Estado de Goiás (Feego). Recentemente publicou livro intitulado “Contextualizando Kardec”.

⁴⁶ <https://www.facebook.com/fronteirasdopensamentoespirita/>.

⁴⁷ <https://www.youtube.com/channel/UCvJ2f7SgrYGzpq3JW1flcqQ/featured>.

⁴⁸ A definição de livre-pensadora intitula sua coluna no Repórter Nordeste, que pode ser acessada em: <https://reporternordeste.com.br/editorias/blogs/livre-pensadora/>. Essa nomenclatura, no espiritismo, tem antecedentes na autodenominação de integrantes da Cepa, de modo a afirmar a liberdade de interpretação e atualização do espiritismo.

⁴⁹ A profa. Ms. Ana Cláudia Laurindo é palestrante espírita, considera-se influenciada pela teologia da libertação por ter participado da Pastoral da Juventude do Meio Popular (PJMP) e tornou-se espírita no início da vida adulta. É colunista no jornal Repórter Nordeste e assina como Livre Pensadora.

Uma categoria específica foi pensada para um coletivo que foi criado como tentativa de articulação de diversos coletivos de espíritas progressistas no Brasil – o Pelo Bem Social. Trata-se, portanto, de um coletivo baseado em coletivos.

PELO BEM SOCIAL

Entendido como um “coletivo de coletivos”, o Pelo Bem Social foi criado em 2019 com a pretensão de reunir “informações sobre coletivos espíritas do Brasil que se articulam, através do objetivo de construir uma sociedade justa e fraterna”⁵⁰. A iniciativa pretendia unificar os esforços de espíritas progressistas e/ou de esquerda, mas isso se mostrou como um verdadeiro desafio para atores e coletivos sociais que encontraram mais divergências do que convergências. Articulando seus participantes por meio de um grupo no WhatsApp, a única ação conjunta do coletivo Pelo Bem Social, além da criação de sua logo e de sua página no Facebook, foi a confecção de um vídeo de manifesto⁵¹ em solidariedade ao aborto de uma criança de 10 anos em um caso de estupro que ficou bastante conhecido no país. O vídeo recebeu contribuições dos coletivos Espíritas pela Transformação Social, AbrePaz, Espíritas Progressistas, Espíritas à Esquerda, Cejus, Girassois, ABPE e Grupo Hermínio C. de Miranda. Essa experiência de confecção conjunta de documentos tem sido relatada como bastante conflitiva, pelos integrantes do grupo, pertencentes aos demais coletivos, revelando uma dificuldade de agregação dos diferentes movimentos que ainda está em análise, dentro desta pesquisa. Tem sido bastante comum a percepção, por parte dessas lideranças, de que, seja por razões ideológicas, identitárias, doutrinárias ou políticas, a união dos coletivos é algo bastante improvável.

TRANSVERSALIDADES CARTOGRÁFICAS

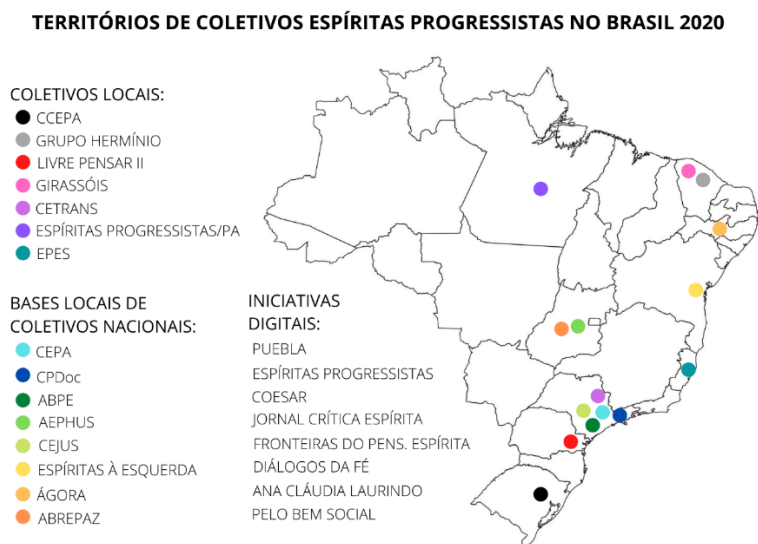
Partindo das particularidades observadas nos coletivos, é possível também observar algumas transversalidades a partir de sua identidade, histórico, vínculos, abrangência, atividades, meios e modos de organização política. Por razões de espaço,

⁵⁰ <https://www.facebook.com/pelobemsocial>.

⁵¹ <https://fb.watch/2kVoJNDgxK/>.

restringiremos a análise aqui proposta à abrangência territorial, conferindo atenção específica à cartografia geosocial dos coletivos pesquisados.

Gráfico 1 – Territórios de coletivos espíritas progressistas no Brasil 2020



Fonte: Elaborado pelos autores.

Evidentemente, a característica notadamente digital da maior parte dos coletivos dificulta uma representação da abrangência territorial dos coletivos. Contudo, foi possível perceber a organização proposta no Gráfico 1.

- Coletivos locais, configurando agrupamentos regionalizados e que, mesmo com atividades midiaticizadas, se organizam territorialmente;
- Coletivos que se consideram nacionais, por terem organizações locais em vários estados ou membros articulados nacionalmente por meios digitais⁵²;
- Coletivos que se configuram apenas como iniciativas digitais, sendo impossível localizar no mapa geográfico do país.

Importante, por fim, observar uma peculiaridade específica dos coletivos observados: a alta concentração nas regiões sul e sudeste do país, não apenas as mais densas em termos populacionais, mas também as de maior concentração de renda. Para além disso, os demais coletivos se distribuem no nordeste e no centro-oeste do Brasil, havendo apenas um na região norte.

⁵² Nesses casos, inserimos no mapa seu local de origem ou de centralidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em seguida a esta rápida cartografia dos coletivos progressistas e de esquerda no espiritismo brasileiro, identifica-se com clareza uma severa perda do controle identitário pelas instituições religiosas. A maioria dos coletivos não possui personalidade jurídica e alguns dos quais mantém-se assim, recusando-se aos processos de institucionalização, o que leva a crer que a emergência de um debate político contra-hegemônico no meio espírita atravessa e ultrapassa os sentidos institucionais desse movimento.

Entretanto, detecta-se preliminarmente que várias diferenças se superpõem, nos coletivos entre si. Além do antibolsonarismo explícito e de uma crítica crescente contra o conservadorismo doutrinário, social e político, pouca coisa une esses agrupamentos. O próprio significado da palavra “progressista” – assumida explicitamente pela maioria dos grupos – não parece ser um consenso, deixando parecer que essa definição pode percorrer um extenso gradiente, que vai dos liberais democratas até os comunistas radicais.

Diversos também parecem ser os propósitos de cada coletivo, como se pôde notar pelas declarações relacionadas às suas finalidades e práticas. Surpreendem-se grupos de estudo, coletivos de militância digital, espaços de debate social e político e movimentos de apoio e assistência, tanto a comunidades de periferia, quanto a adeptos *outsiders*, banidos direta ou indiretamente dos espaços institucionalizados dos centros espíritas.

E, sobretudo, revelam-se os coletivos espíritas progressistas e de esquerda que, no período desta pesquisa, encontram-se em um estágio de estruturação, efetuando ainda as definições básicas de existência e atuação, dentro e além do movimento espírita organizado. Este, portanto, é um registro histórico, cuja relevância terá o condão de descrever momentos iniciais, demarcados por ações tentativas, em que as consolidações identitárias ainda não ocorreram plenamente, decorrendo disso a importância do método cartográfico para o mapeamento de um campo social em constituição.

Diante de tais constatações prévias, diversas questões se abrem à continuidade da pesquisa iniciada. Quais os elementos determinantes da sustentação e resiliência desses grupos? Interferirão, em algum momento, de forma significativa, no andamento do espiritismo conservador hegemônico, rompendo assim a relativa indiferença desse

bloco, que talvez aposte na irrelevância de suas movimentações? Quais as posições políticas, dentre as diferenças costumeiras no espectro direita-esquerda, prevalecerão entre os coletivos de espíritas progressistas? Qual a disposição seus ativistas têm de efetuar a disputa interna de sentido com o conservadorismo espírita? Em que termos se colocarão as articulações tentativas entre os até então denominados espíritas progressistas e de esquerda? Até que ponto as divergências entre progressistas e conservadores – mas também entre os próprios progressistas – resultarão sucessivamente em novos coletivos? Como a dispositividade da ambiência digital será acionada no fazer desses coletivos, desde o trabalho de base até as elaborações doutrinárias e suas disputas de sentidos? E, por fim, uma pergunta de contexto, prospectiva: uma movimentação como esta, surgida em reação à derrubada de Dilma Rousseff e à eleição de Jair Bolsonaro, persistirá com a eventual decadência do direitismo no país? Trata-se, enfim, de uma movimentação episódica, passageira, ou de uma vertente do movimento espírita que veio para ficar, podendo consolidar um cisma importante nessa tradição religiosa no Brasil?

Estas e outras indagações movimentam o prosseguimento desta pesquisa, e apontam para os conflitos e as transformações da opinião política da classe média brasileira, em sua relação com uma das mais caras crenças típicas dessa categoria social, no Brasil.

REFERÊNCIAS

ARRUDA, Jéssica de A.; DA COSTA, Guilherme B. R.; MAGALHÃES, Analice S. Influência dos discursos religiosos evangélicos na campanha presidencial de 2018 no Brasil. *Último andar*, São Paulo, v. 23, nº 35, p. 3-22, jan-jun/2020.

AUBRÉE, Marion; LAPLANTINE, François. **A mesa, o livro e os espíritos**: gênese, evolução e atualidade do movimento social espírita entre a França e o Brasil. Maceió: UFAL, 2009.

BENCHAYA, Salomão J. **Da religião espírita ao laicismo**. Porto Alegre: Imprensa Livre, 2006.

BRAGA, José Luiz. Circuitos versus campos sociais. In: MATTOS, Maria Ângela; JANOTTI JUNIOR, Jeder; JACKS, Nilda. (Org.). **Mediação & Mídiação**. Salvador: COMPÓS-EDUFBA, 2012, p. 31-52.

BURITY, Joanildo. Religião e Política na Fronteira: desinstitucionalização e deslocamento numa relação historicamente polêmica. **Revista de Estudos da Religião**. Nº 4, p. 27-45, 2001.

CARLÓN, Mario. **Circulación del sentido y construcción de colectivos**: en una sociedad hipermediatizada. San Luis: Nueva Editorial Universitaria - UNSL, 2020.

COULDRY, Nick; HEPP, Andreas. **A construção mediada da realidade**. Trad. Luzia Araújo. São Leopoldo, RS: Ed. Unisinos, 2020.

DAMASIO, João. Da caridade à cidadania em fluxos: posicionamentos espíritas nas eleições de 2018. **ComPolítica**, v. 10, n. 2, p. 135-166, 2020.

DE FARIAS, Luiz A. C.; BECCENERI, Leandro B.; LONGO, Flávia V.; CHIROMA, L. Tão ricos e tão escolarizados? O perfil sociodemográfico dos espíritas no Brasil. **Anais do XXI Encontro Nacional de Estudos Populacionais**, p. 1-18, 2019.

FISCHER, Martina. O cartógrafo e sua bagagem. In: MALDONADO, Alberto Efendy; BONIN, Jiani; ROSÁRIO, Nísia (orgs.). **Perspectivas metodológicas em comunicação**: desafios na prática investigativa. João Pessoa/PB: UFPB, 2008.

GONÇALVES, Rafael B. **O discurso religioso na política e a política no discurso religioso**: uma análise da atuação da Frente Parlamentar Evangélica na Câmara dos Deputados (2003-2014). Rio de Janeiro: UERJ, 2016 (Tese de doutoramento).

LIMA, Elizabeth C. de A.; LIMA, Isabelly C. C. O neoconservadorismo religioso e heteronormatividade : a "bolsonarização" como produção de sentido e mobilização de afetos. **Revista Cadernos de Campo**. Araraquara, n. 28, p. 325-350, jan-jun/2020.

LINS, Juan. El uso religioso de la política y/o el uso político de la religión: la ideología-sucedáneo *versus* la religión-sucedáneo. **Revista Española de Investigaciones Sociológicas** (REIS), Number 114, p. 11-35, Abril-Junio/2006.

MACHADO, Maria das D. C.; MARIZ, Cecília. Conflitos religiosos na arena política. **Archivos**, v. 6, nº 6, p. 31-49, outubro de 2004.

MIGUEL, Sinuê Neckel. Disposições políticas no espiritismo brasileiro: entre “neutralidade” conservadora e aspirações socialistas. **SÆCULUM – Revista de História**, v. 25, n. 42, João Pessoa, p. 86-104, jan./jun. 2020.

NERIS, Wheriston S.; SEIDL, Ernesto. Crise e recomposição do habitus religioso na periferia do espaço católico. **Pro-Posições**, v. 28, nº 3, p. 204-241, set-dez/2017.

ORO, Ari P.; ALVES, Daniel. Jair Bolsonaro, líderes evangélicos negacionistas e a politização da pandemia do novo coronavírus no Brasil. **Sociedad y Religion**. V. 30, nº 54, p. 121-147, 2020.

PEGORETTE, Josemar F. Dos dogmas religiosos aos dogmas políticos: as influências do discurso religioso na formação política do brasileiro. **In Totum**. V. 3, nº 1, 2016.

SEIDL, Ernesto; NERIS, Wheriston S. O catolicismo impuro: politização e transgressões da fronteira do religioso. **Política&Sociedade**, v. 16, nº 37, p. 252-285, set-dez/2017.

SIGNATES, Luiz. Espiritismo e política: os tortuosos caminhos do conservadorismo religioso e suas contradições no Brasil. **Caminhos**, Goiânia, Especial, v. 17, p. 138-154, 2019.

SIGNATES, Luiz. O individualismo e as possibilidades de uma sociologia da mentalidade espírita: ensaio sobre uma ampliação espírita do conceito de sociedade e seus limites. In: MORAES, Ângela Teixeira de; FERRO, Raphaela Xavier de Oliveira. **Ciência, espiritismo e sociedade: coletânea 2**. Goiânia: Aephus, 2020, p. 72-97.

SOSTER, Demétrio de Azeredo. Dialogia e atorização: características do jornalismo midiático. **Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo**, Brasília, v. 5, n. 16, p. 4-20, jan./jun. 2015.

STRÜCKER, Bianca; HAHN, Noli B. Pela família, por Deus e pelo fim da corrupção: a utilização do discurso religioso no debate político brasileiro. **Coisas do Gênero** – Revista de estudos feministas em gênero e religião. V. 5, nº 1, p.56-72, Jan-Jun/2019.

FONTES DOCUMENTAIS

CEPA – Associação Espírita Internacional. **Estatuto**, de 25 de maio de 2016. Disponível em: <https://cepainternacional.org/site/pt/cepa/estatuto>. Acesso em 25 out. 2020.

CPDoc – Centro de Pesquisa e Documentação do Espiritismo. **Estatuto social**, de 12 de fevereiro de 2011. Disponível em: <https://www.cpdocespirita.com.br/portal/site/27-quem-somos/72-estatuto-social>. Acesso em 29 out. 2020.

Recebido em 20 de dezembro de 2020.

Aprovado em 31 de maio de 2021.